

Psicologia numa perspectiva educacional esportiva

Mona Larissa Nunes Jovino¹
ninhalaria@hotmail.com

Marcella de Fátima Batista¹
marcellabbraz@hotmail.com

Patrícia Santana Machado¹
patymaxado@hotmail.com

Polyanna Ribeiro Araújo¹
polyribeiro20@hotmail.com

Tatiany Soares Torres¹
taty.soares@hotmail.com

Resumo

Analisando a Psicologia Educacional-Escolar, consideramos que essa propicia o desenvolvimento intelectual, social e educacional de crianças nas escolas, através de suas intercessões ali objetivadas. Sob uma ótica do ambiente educacional no esporte, que tem como intuito explicar os acontecimentos relacionados ao movimento humano, tanto no que se refere a aspectos individuais, quanto a eventos coletivos, cabe discorrer sobre a Psicologia do Esporte, explicitando a Iniciação Esportiva, que objetiva propiciar a vivência esportiva infantil em várias modalidades. De acordo com Roberts & Treasure (1992), a criança, até doze anos, não deve participar de atividades esportivas específicas nem de competições formais por não possuir maturidade suficiente para compreender e assimilar tudo o que está envolvido em um processo competitivo; atividades essas, que se insiram como práticas esportivas que exijam da criança alto rendimento. Daí se faz importante a implantação da iniciação esportiva nos ambientes educacionais voltados para o esporte, que proporciona para crianças vivências em diversas práticas, considerando seus padrões maturacionais. Muitos profissionais, que trabalham com esporte, não consideram esses padrões necessários para lidar com o desenvolvimento da criança. A pedagogia esportiva tradicional está voltada para a supervalorização da competitividade e o aprimoramento precoce de habilidades técnicas (Ramos e Neves, 2008). Essa postura tradicionalista, frente às práticas esportivas, pode causar prejuízos futuros aos sujeitos inseridos nesse contexto, de modo que as crianças necessitam vivenciar movimentos corporais variados, para não desenvolverem padrões de movimentos e comportamentos retraídos. Assim, torna-se indispensável divulgar essa proposta à sociedade com o intuito de mostrar a relevância da mesma.

Palavras-chave: Ambiente Educacional. Iniciação Esportiva. Crianças.

Introdução

Mesmo como uma ciência nova, a Psicologia do Esporte é de grande valia para complementar a área de atuação do Psicólogo, que, em tal campo, pode auxiliar no que diz respeito ao equilíbrio do sujeito, tanto no aspecto físico quanto mental. Vale ressaltar que nem toda psicologia aplicada ao esporte é psicologia do esporte. De acordo com Rubio (2000), pode-se considerar que essa tem como meio e fim o estudo do ser humano envolvido com a prática do exercício, da atividade física e esportiva, competitiva e não competitiva, muito embora, nem sempre, tenha

1 Discentes da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

prevalecido tal perspectiva entre estudiosos e práticos da área.

Já a Psicologia no Esporte é tida por Feijó e Machado (2000) como a transposição da teoria e da técnica das várias especialidades e correntes da Psicologia para o contexto esportivo, seja no que se refere à aplicação de avaliações para a construção de perfis, seja no uso de técnicas de intervenção para a maximização do rendimento esportivo. Essas específicas ações fazem com que a Psicologia do Esporte se diferencie da Psicologia no Esporte.

Para tal estudo, foi utilizado, como arcabouço teórico, a Psicologia do Esporte, a qual, de acordo com a sua história, deve abarcar exercícios psicológicos cuja finalidade seja aumentar os resultados das práticas esportivas e não somente a obtenção de altos rendimentos dessas práticas, por meio dos educadores e alunos, sem considerar os aspectos psicológicos ali presentes.

Faz-se pertinente ressaltar que, segundo as descrições de Marques (2003), ainda que discutamos sobre a Psicologia do Esporte como algo atual, ela já teve uma grande participação no Brasil, vários anos atrás. Foi no futebol, através de João Cavalhares, que a utilizou quando trabalhava na seleção brasileira campeã mundial na Suécia, em 1958. Depois disso, a Psicologia do Esporte praticamente desapareceu e só voltou a obter destaque em meados de 1990, através de Suzy Fleury, também na seleção brasileira de futebol (p.30). Ainda sobre esse tema, o autor, acima citado, discorre que: “atualmente, a Psicologia do Esporte se encontra em ascensão. Está havendo mais encontros científicos e publicações de artigos e de livros nessa área. Isso é enriquecedor, pois, existindo mais pesquisas e debates, a Psicologia do Esporte vai criando um “corpo” consistente, deixando de ser uma área de “achismo” e torna-se concreta” (Marques, 2003, p. 30). Em suma, Nitsh (1989 APUD SAMULSKI, 2002) define que a Psicologia do Esporte analisa as bases e efeitos psíquicos das ações esportivas, considerando, por um lado, a análise de processos psíquicos básicos (cognição, motivação, emoção) e, por outro lado, a realização de tarefas práticas do diagnóstico e da intervenção.

Por conseguinte, podemos enfocar o projeto de iniciação esportiva, realizado no SESC (Serviço Social ao Comerciário) - Rio de Janeiro, desenvolvido a partir de uma pesquisa cuja finalidade era analisar o desenvolvimento da prática esportiva no país, tendo como objetivo principal propiciar a vivência esportiva de crianças em várias modalidades.

Tal projeto tem uma perspectiva, que pode ser incorporada pelas escolas, na medida em que compreende o desenvolvimento da criança a partir de um novo aspecto, com foco na relação coletiva, ou seja, na socialização da criança. Além disso, compreende um novo campo para a prática do Psicólogo. Nesse contexto, a Psicologia do Esporte, no âmbito escolar, pressupõe a relação do praticante do esporte com o ambiente da escola, das mais variadas maneiras. Nessa inserção, é importante que a criança tenha a possibilidade de ter contato com as diversas habilidades motoras, que são disponibilizadas através dos esportes existentes - natação, handball, futsal, vôlei, judô, etc.

Esse contato é recomendado uma vez que o indivíduo, que treina apenas para uma área específica, irá desenvolver habilidades restritas a essa modalidade e terá dificuldades de aprender movimentos de outras áreas. Por exemplo, um lutador de judô que, na infância, treinou apenas esse esporte e é solicitado a executar passes de futebol, apresentará maior dificuldade do que aquele sujeito que adquiriu padrões de movimentos diferenciados a partir do contato com os mais distintos esportes.

De acordo com Rubio (2007), o esporte tem se mostrado como um componente significativo na elaboração da educação e socialização de adolescentes e crianças, ao acrescentar-lhes não só o

aperfeiçoamento de habilidades, como também o entretenimento e o convívio com os amigos. Dessa forma, esta pesquisa teve como objetivo fazer uma análise sobre o desenvolvimento do projeto de Iniciação Esportiva, com enfoque na percepção dos seus profissionais e alunos, para identificar benefícios e dificuldades apresentadas, propondo a inserção do Psicólogo nesse contexto e, até mesmo, no contexto escolar dentro do aspecto esportivo.

Método

A pesquisa ocorreu vinculada ao colegiado de Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) e foi realizada na instituição SESC-Petrolina, na qual foi implantado e se desenvolve o projeto de iniciação esportiva. Esse é designado por uma coordenadora e por um professor, ambos graduados em Educação Física.

O projeto é composto por duas turmas de sete alunos, uma no turno da manhã; outra à tarde. A nossa pesquisa foi realizada com crianças na faixa etária de seis a nove anos, que compõem a turma da tarde, a qual foi escolhida pelo critério disponibilidade de tempo das pesquisadoras, junto com o professor e a coordenadora do projeto. É válido pontuar que não houve um critério específico para definirmos com que idade nós trabalharíamos, de modo que, foi escolhida somente “a turma” do horário vespertino, por ser o período no qual as pesquisadoras poderiam ir à instituição com mais frequência.

A pesquisa teve três fases: estudo bibliográfico, no qual foi revisada a literatura científica a respeito do tema; observação participante, momento em que as pesquisadoras observavam as aulas e registravam as mesmas em diários de campo; abordagem direta dos participantes, através de entrevistas semidirigidas e atividades lúdicas. Ainda, como instrumento norteador para a pesquisa, foi utilizado um roteiro disponibilizado pelo professor/orientador das pesquisadoras, o qual se intitulava “Roteiro para as visitas” e apresentava algumas maneiras para um contato com a instituição e os sujeitos ali inseridos.

As entrevistas foram realizadas com o professor e com a coordenadora. As atividades lúdicas foram feitas com os alunos a partir de dispositivos como: brincadeiras, imitações, desenhos e aconteceram da seguinte forma: inicialmente, foi planejada a realização de uma brincadeira com a bola, na qual quem transgredisse a regra teria que responder a uma pergunta. O objetivo dessa atividade era, sobretudo, manter um primeiro contato com as crianças, a partir da utilização de um elemento familiar - no caso a bola - o que serviria de ponte para a aproximação das pesquisadoras com as crianças. No entanto, as crianças mostraram-se resistentes a participar, pois relataram achar isso desinteressante e encararam como um empecilho para a prática do “baba”, o jogo informal de futebol ou futsal.

Como consequência, tivemos que improvisar e agir de acordo com o que despertasse interesse e propomos jogar futebol; porém, um deles teria que imitar o professor, atuando da mesma maneira como esse age durante as suas aulas. Por último, pedimos que fizessem desenhos a respeito das aulas de iniciação esportiva, complementando, assim, o que esse projeto representava para eles. Durante todo o desenrolar das atividades, perguntas eram feitas de acordo com a oportunidade e, ainda, como meio de coleta de informações; sendo desenvolvidas conforme a orientação proposta pelo roteiro citado anteriormente, que, para contato com os alunos, propunha: “Abordagem direta em forma de entrevistas individuais em situação informal ou formal, ou a partir de conversas em situação de grupo”. Pelo motivo de estarmos lidando com crianças, achamos conveniente fazer perguntas de uma maneira informal, combinando-se que somente uma das pesquisadoras interpellasse as crianças, para melhor organização e compreensão do processo, o que ocorreu de

maneira aleatória e voluntária. Perguntas pertinentes foram feitas, envolvendo questões ligadas às práticas esportivas. As demais pesquisadoras, além de participarem da referida brincadeira, faziam observações.

Resultados

Foi identificado, mediante as estratégias para compilar os dados da pesquisa, que os profissionais têm uma ampla concepção em relação à prática do esporte e ao desenvolvimento da criança, uma vez que concebem a sociedade, as instituições escolares, as escolinhas esportivas e a família, como responsáveis para auxiliar no desenvolvimento das crianças, além de discorrerem com propriedade sobre os aspectos psicológicos no que diz respeito ao esporte.

Entretanto, por vezes, as crianças não recebem o apoio adequado nas escolas em relação à prática do esporte, já que, muitas vezes, é visto reduzidamente ao âmbito da competição e à formação de campeões. Nas seguintes falas, podemos notar a concepção do profissional em relação à prática esportiva das crianças:

... quando vejo um individualismo muito rígido, eu procuro parar o jogo, mostrar para eles (...) seu colega tá ali, é mais fácil você passar a bola do que você driblar, você vai cansar mais driblando do que se você passar a bola para seu colega (Professor).

“A criança, quando brinca, isso é motivante para ela” (Professor).

No primeiro fragmento, pode-se perceber que o professor oportuniza, a partir das suas técnicas, que o esporte sirva como um dispositivo de socialização e aprendizado para uma convivência e interação grupal. A sua última fala mostra a presença da ludicidade nesse ambiente educacional esportivo.

“O lúdico é uma necessidade básica da personalidade, do corpo e da mente, faz parte das atividades essenciais da dinâmica humana e caracteriza-se por ser: espontânea, funcional e satisfatória, onde nem todo lúdico é esporte, mas todo esporte deve ser integrado no lúdico.” Grosso (apud FEIJÓ, 1992).

No que se refere à forma como vê a família dos alunos, o professor acredita que o envolvimento dessa, atualmente, nas escolas, é menor devido ao desenvolvimento da profissionalização dos pais, de modo que esses, muitas vezes, incluem seus filhos na prática esportiva com o intuito de atender às suas necessidades e interesses, e aos das crianças.

Como forma de modificar a postura das famílias, o professor busca despertar o interesse das mesmas, como segue na alocução:

... quando entra uma mãe ali, eu paro o que estou fazendo e vou conversar com ela. Naquele momento, que não é raro, mas é difícil de acontecer, eu tento estabelecer um feedback. Eu procuro conversar com ela, eu procuro passar algumas coisas que estão acontecendo (Professor).

Segundo Cratty (1968), “o profissional do esporte que trabalha com criança deve procurar estar sempre bem informado sobre os vários caminhos que a família pode influenciar a prática da atividade física da criança” (p.62).

Em relação às dificuldades visualizadas na relação com o aluno, o professor discorre que encontra poucas, frente ao seu trabalho de iniciação esportiva, justificando o fato de mostrar segurança na

hora de lidar com seus alunos.

Uma das únicas dificuldades encontradas é o egocentrismo, que é próprio da faixa etária e se expressa em momentos, como exemplo, quando uma criança apresenta maior desempenho e habilidades que as outras. De acordo com Piaget (apud RAMOS & NEVES, 2008), a criança em um ambiente competitivo precoce, confunde as regras com objetivos por causa do seu realismo e por seu egocentrismo. Defende, ainda, que o esporte coletivo exerce fascínio nas crianças muito mais pelo prazer da atividade e pela coletividade do que pela competição.

Através do recurso imitação, utilizado no contato com os alunos, em que uma das crianças imitou a maneira como o professor age durante as aulas de iniciação esportiva, pôde-se notar aspectos que corroboraram com nossas observações e com a entrevista do professor, pois o aluno, ao comportar-se como o professor, durante a atividade proposta, retratava preceitos de coletivismo, cooperativismo, respeito para com os demais colegas durante o jogo e mediava os pequenos conflitos, que ali surgiam, do mesmo modo como o professor fazia. Também nos momentos em que os alunos, em geral, demonstravam que sabiam da importância de passar e de tocar a bola, o que representa o “jogar” de uma forma menos individual possível, para comportar-se como um grupo. Em resumo, os mesmos demonstravam aquilo que foi aprendido nas aulas dadas pelo professor de iniciação esportiva.

Observamos a percepção dos alunos com relação ao professor através de, além da imitação, perguntas que fazíamos no momento oportuno, como já foi explanado; notamos também que eles se referiam àquele sempre ao usar brincadeiras e sorrisos, o que aparentava uma relação bastante empática. Conforme Rúbio (2007), a figura do técnico-professor é mais um elemento, que pode determinar a adesão ou o abandono da prática esportiva. Assim, é importante que, num projeto de iniciação esportiva, cujo intuito é estimular as crianças a serem futuros sujeitos aderentes do esporte, haja uma boa relação entre professor e aluno.

Outro aspecto notado no nosso contato com os alunos foi o da preferência esportiva pelo futebol, o que foi percebido desde a inquietação demonstrada para que pudessem jogá-lo imediatamente; até, nos seus discursos, foi notada a influência da família para práticas de atividades esportivas, em que ficava evidente que muitos dos alunos, através de suas falas, gostavam de tal modalidade devido a membros de suas famílias que, igualmente, apresentavam afeição por essa.

Conclusão

A partir do desígnio de conhecermos um ambiente de aprendizagem através da instrução esportista, em que pudemos analisar como os educadores e alunos lidam com os aspectos psicológicos ali envolvidos, fica evidente a importância do uso e da criação de projetos, como o de Iniciação Esportiva, o qual sobreveste, congrega mais eficácia para o desenvolvimento educacional infantil.

Assim, tendo em vista o conhecimento obtido e explicitado acerca do projeto de Iniciação Esportiva - do SESC de Petrolina - sugerimos:

- Trabalhar ainda mais a ludicidade como estratégia de motivação;
- Levar em conta o que desperta interesse e prazer nos alunos na elaboração das técnicas de aprendizagem;
- Promover o vínculo na relação pai-aluno-instituição;
- Mostrar à família a importância da verdadeira intenção do projeto, que é a de propiciar

aos alunos a vivência de modalidades esportivas diferentes, para que se conscientizem da necessidade de as crianças sentirem liberdade na escolha do seu esporte favorito;

- Continuação e aperfeiçoamento da utilização de técnicas que trabalhem o egocentrismo e a relação grupal;
- Consideração da singularidade de cada criança no aprendizado das habilidades motoras;
- Implantação do Projeto de Iniciação Esportiva do SESC em escolas da região;
- Divulgação da proposta para que a sociedade se informe sobre a relevância do projeto no desenvolvimento maturacional da criança: aspecto cognitivo, motor, afetivo e social.

Por fim, a pesquisa mostrou várias questões e contextos nos quais o psicólogo do esporte pode intervir, contradizendo a noção restrita e possuída, muitas vezes, de tal profissional apenas como agente potencializador na criação de grandes atletas.

O projeto apresenta uma proposta inovadora e contempla muitos pontos da esfera psicológica do ser humano ao propiciar-lhe um possível desenvolvimento saudável. Embora não haja grandes dificuldades na prática e estrutura do projeto, o psicólogo pode atuar na resolução dos pequenos problemas citados, ao melhorar, ainda mais, a efetivação da sua proposta, tendo em vista proporcionar um ambiente agradável para a prática esportiva, no que diz respeito aos diversos aspectos que essa abarca.

Referências

CRATTY, B. J. Psicologia no Esporte. Rio de Janeiro: Prentice – Hall do Brasil, 1968.

FEIJÓ, O. G; MACHADO, A. A. Psicologia do Esporte e no Esporte. In: RUBIO, Kátia (Org.). Encontros e desencontros: descobrindo a Psicologia do Esporte. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

MARQUES, M. Geller; Psicologia do esporte: aspectos em que os atletas acreditam. Canoas: Ed. ULBRA, 2003.

RAMOS, A.M; NEVES, R. L. R. A iniciação esportiva e a especialização precoce à luz da teoria da complexidade: notas introdutórias. Pensar a prática 11/1: 1-8, jan./jul.2008.

ROBERTS, G.C; TREASURE, D.C. Criança no Esporte. Sport Science Review, v.1, n.2, p. 46-64, 1992.

RUBIO, Kátia. Da psicologia do esporte que temos à psicologia do esporte que queremos. Revista Brasileira de Psicologia do esporte. São Paulo, v.1, n.1, dez. 2007.

RUBIO, Kátia. O trajeto da psicologia do esporte e o desenvolvimento de um campo profissional. In: RUBIO, Kátia (Org.). Psicologia do Esporte: interfaces, pesquisa e intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p. 25-44.

SAMULSKI, D. A psicologia do esporte. São Paulo: Manole, 2002.